

DESIGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA NOS TRANSPLANTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CAROLINA CAMARGO SILVA¹; DANIELLE REGINA PIMENTEL²; DENISE CARRICONDE MARQUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – carolina_sjc06@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pimenteldanielle0@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – denisemmota@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Por meio de transplante de órgãos, indivíduos ganham uma segunda chance de viver, muitas vezes transformando tragédias em oportunidades de esperança. No entanto, a desigualdade de raça e gênero nos transplantes de órgãos é um tema de preocupação crescente na área da saúde.

Enquanto os avanços médicos têm ampliado as possibilidades de sobrevivência por meio de transplantes, observa-se que grupos raciais minoritários e pessoas de diferentes identidades de gênero enfrentam barreiras desproporcionais para o acesso a esses procedimentos vitais (IPEA, 2011). Essas disparidades são enraizadas em fatores históricos, socioeconômicos e estruturais (CONNELL et al., 2010) (CARNEIRO, 2011).

Ao considerar a desigualdade de gênero e raça no contexto das doações de órgãos, é imperativo reconhecer que a equidade no acesso a esses procedimentos não apenas salva vidas, mas também simboliza um compromisso com a justiça e a igualdade. A discussão sobre a desigualdade na doação e recepção de órgãos destaca, assim, a importância de um sistema de saúde inclusivo e acessível para todos (Constituição, 1988).

Assim, essa revisão bibliográfica tem o objetivo de revisar diferentes bibliografias, comparar os seus resultados, evidenciar e discutir a desigualdade de acesso a transplantes entre pessoas pertencentes a diferentes gêneros e raças.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados do PubMed, LILACS e Scielo utilizando com os descritores "desigualdade", "desigualdade de raça", "desigualdade de gênero", "doação de órgãos" e "transplante de órgãos". Selecionamos cinco artigos com base na relevância do tema e das metodologias empregadas. A escolha dos artigos teve como objetivo oferecer uma visão abrangente do tema a fim de investigar as disparidades relacionadas a questões de gênero e raça no processo de transplante de órgãos.

Os artigos selecionados são "Desigualdade de transplantes de órgãos no Brasil: análise do perfil dos receptores por sexo e raça/cor", "Racial disparities in organ donation and why", "Gender disparities in transplantation", "Association of Race and Ethnicity With Live Donor Kidney Transplantation in the United States From 1995 to 2014" e "Perfil dos candidatos em lista de espera candidatos à transplante hepático".

A análise dos textos selecionados realça a contribuição de cada artigo para a compreensão da complexidade do tema bem como sobre a necessidade de equidade em sistemas de transplantes de órgãos.

Apesar da relevância da questão abordada, destaca-se a escassez de bibliografia sobre o tema. Essa carência, demonstra a necessidade de mais estudos e investigações para fornecer dados que visem soluções mais igualitárias e justas no campo dos transplantes de órgãos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de analisar a desigualdade entre raça e gênero no âmbito dos transplantes de órgão, buscamos nos 5 artigos selecionados, dados do processo doação-transplante relacionados à etnias e gêneros, no Brasil e nos Estados Unidos.

Assim, no Brasil, de acordo com o estudo “Desigualdade de transplantes de órgãos no Brasil: análise do perfil dos receptores por sexo e raça/cor”, para o órgão CORAÇÃO, contamos com as seguintes proporções no grupo de receptores: quanto ao gênero, 75% dos pacientes são homens, e quanto a raça, 56% são brancas, 33% pardas, 9% pretas e 2% amarelas.

Para o órgão FÍGADO, contamos com as seguintes proporções: quanto ao gênero, 63% das pessoas receptoras desses órgãos são homens, e quanto a raça, 81% são brancas, 16% pardas, 4% pretas e 1% amarelas.

Para o órgão PÂNCREAS, contamos com as seguintes proporções: quanto ao gênero, 50% das pessoas receptoras desses órgãos são homens, e quanto a raça, 93% são brancas, 3% pardas, 2% pretas e 2% amarelas.

Para o órgão PULMÃO, contamos com as seguintes proporções: quanto ao gênero, 65% das pessoas receptoras desses órgãos são homens, e quanto a raça, 77% são brancas, 17% pardas, 5% pretas e 1% amarelas.

Para o órgão RIM, contamos com as seguintes proporções: quanto ao gênero, 61% das pessoas receptoras desses órgãos são homens, e quanto a raça, 69% são brancas, 19% pardas, 11% pretas e 1% amarelas.

No entanto, apesar das proporções apresentadas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil apresenta 48,4% de sua população branca, 6,8% preta, 43,8% parda e 0,9% de amarelos e indígenas. Esses números indicam que mais de 50% da população brasileira, atualmente, é composta por não brancos.

Além disso, a literatura “Gender disparities in transplantation”, que realiza um estudo nos Estados Unidos sobre transplantes de fígado e rins, aponta realidade semelhante a do Brasil, em que mulheres são desfavorecidas, tendo menor probabilidade de serem encaminhadas para avaliação de transplantes e, consequentemente, menor probabilidade de serem transplantadas, embora sejam maioria em se tratando de doadores vivos de órgãos. Além disso, mostra que mulheres apresentam maior mortalidade na fila de espera.

Em concordância, dados brasileiros trazidos pelo estudo “Perfil dos candidatos em lista de espera candidatos à transplante hepático” mostram essa mesma disparidade no perfil dos candidatos a transplante hepático no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu, em que só 16% da lista é do gênero feminino.

Por fim, é importante destacar o fato da população feminina buscar com mais frequência os serviços de saúde, em comparação com a população masculina, além de ser mais aderente aos tratamentos (IBGE, 2013). Essa população também apresenta resultados pós transplantes semelhantes ou

melhores quando comparadas aos do sexo masculino, descartando tais aspectos como justificativas para essa disparidade no acesso ao transplante.

Ademais, dados retirados do estudo “Racial disparities in organ donation and why” referente a população afro-americana apontam que esses também sofrem com desigualdades no processo doação-transplante, a ponto de comporem 34% da lista de transplante de rins, mas sendo apenas 13,8% da população receptora.

Por fim, de acordo com a literatura “Association of Race and Ethnicity With Live Donor Kidney Transplantation in the United States From 1995 to 2014”, nos Estados Unidos, no período de 2010 a 2014, foram feitos 12648 transplantes de rim de doador vivo em pacientes brancos, enquanto para pacientes pretos houveram apenas 2412 e para asiáticos, 969.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, a revisão de literatura realizada revelou as disparidades relacionadas a gênero e raça nos transplantes de órgãos. Os achados, provenientes de diversas análises, destacam a predominância de receptores homens brancos, desfavorecendo mulheres e grupos étnicos não brancos. Essa distorção, distante da composição demográfica, aponta para um cenário de acesso desigual e injusto aos procedimentos de transplante. Com base nos dados descritos acima, é fácil identificar que a discrepância entre os perfis de receptores de diversos órgãos no processo de doação-transplante é desconexa à realidade demográfica. Na verdade, dados epidemiológicos comprovaram que mulheres, pretos e pardos possuem, em geral, necessidades semelhantes que não justificam esse desequilíbrio nos dados, mas expõem a desigualdade (DATASUS, 2023).

As razões para esses achados não ficam bem definidas, e podem ter raízes em preconceitos, questões socioeconômicas, diferenças no acesso à saúde e em métodos de rastreio e diagnósticos, além de vieses desfavoráveis às populações femininas e grupos étnicos não-brancos. No entanto, é necessário maior quantidade de dados e estudos com objetivo de trazer luz às causas dessa disparidade no acesso aos órgãos.

Diante dessa realidade, a importância de mais estudos e da criação de novas bibliografias acerca do tema é incontestável. A presente revisão, ao expor as disparidades presentes no Sistema de Transplante de Órgãos, direciona o foco para a necessidade de medidas corretivas que assegurem equidade na alocação de órgãos, eliminando barreiras históricas e preconceitos arraigados. Esse estudo não somente documenta a discrepância, mas também demonstra a necessidade de ação, no intuito de buscar por soluções que garantam a justiça e a equidade de gênero e raça no acesso a tratamentos vitais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Desigualdade de transplantes de órgãos no Brasil: análise do perfil dos receptores por sexo e raça/cor. Brasília (DF): Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); 2011. (18) Ministério da Saúde (BR).

- 2- BRATTON, C. et al. Racial disparities in organ donation and why. *Current Opinion in Organ Transplantation*, v. 16, n. 2, p. 243-249, 2011.
- 3- SHEIKH, S. S.; LOCKE, J. E. Gender disparities in transplantation. *Curr Opin Organ Transplant*, v. 26, n. 5, p. 513-520, 2021.
- 4- PURSELL, T. S. et al. Association of Race and Ethnicity With Live Donor Kidney Transplantation in the United States From 1995 to 2014. *JAMA*, v. 319, n. 1, p. 49-61, 2018.
- 5- WINCKLER, C. C. et al. Perfil dos candidatos em lista de espera candidatos à transplante hepático. *Brazilian Journal of Transplantation*, v. 10, n. 1, p. 660–663, 2010.
- 6- BONILLA-SILVA, Eduardo. Racism without racists: Color-blind racism and the persistence of racial inequality in America. Rowman & Littlefield, 2003.
- 7- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.
- 8- Dados da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS (ABTO).
- 9- CONNELL, R. W. Gender. John Wiley & Sons, 2009.
- 10- CARNEIRO, Sueli. Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- 11- HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 18, p. S57–S65, 2002.
- 12- PURNELL, T. S. et al. Association of Race and Ethnicity With Live Donor Kidney Transplantation in the United States From 1995 to 2014. *JAMA*, v. 319, n. 1, p. 49–61, 2018.
- 13- SEGEV, Dorry L. et al. Age and comorbidities are effect modifiers of gender disparities in renal transplantation. *J Am Soc Nephrol JASN*, v. 20, p. 621–628, 2009.
- 14- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- 15- REVISTA BRASILEIRA DE TRANSPLANTES. Disponível em: <<https://bjt.emnuvens.com.br/revista/index>>. Acesso em: 28 agosto 2023.
- 16- BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS (Departamento de Informática do SUS).